

# **The Importance of Cross-cultural Understanding in Portugal-China Cooperation**

*José Manuel Duarte de Jesus, PhD*

*Ambassador Emeritus, Senior Research Fellow at I.O. (ISCSP) and IPRI-Nova*

## **Senhor Embaixador da República Popular da China, minhas senhoras e meus senhores**

Portugal é um dos países da Europa ocidental, que há cinco séculos, estabeleceu relações e um diálogo com a China dum modo formal. Mas também e isso é relevante através de redes que se foram estabelecendo, no domínio do comércio, no domínio social, no domínio cultural, no sentido mais lato deste conceito. Essas redes que se fixaram numa região chamada Macau, tiveram, uns séculos mais tarde, uma expressão politicamente importante, na própria capital do Império. Foi durante estes anos, em que o Imperador chinês vivia situações complexas com a Europa ocidental, onde o Vaticano mantinha uma forte influência, que os jesuítas portugueses, conhecedores da cultura chinesa, defendiam, face ao Ocidente, muitas das posições culturais de Pequim. Posição que foi assumida politicamente pela própria coroa portuguesa.

Neste quadro, é interessante rever o que o Imperador Kang Xi afirmava sobre alguns dos seus colaboradores estrangeiros, designadamente os seus conselheiros portugueses. Não posso deixar de referir concretamente, Tomas Pereira, seu conselheiro político, elevado a um grau importante do mandarinato, ou ter escolhido um português, Antonio de Magalhães, como seu Embaixador e Enviado Pessoal à corte de D. João V, em 1721.

Esta relação é fruto do que hoje chamamos um diálogo de interculturalidade que, para além das formas e dos canais oficiais, criou uma rede informal, que hoje há historiadores que chamam um Império Sombra - Shadow Empire - e que corresponde a um terreno propício para gerar laços de uma amizade que transcenda a circunstância histórica ou política de cada momento.

Mas é nesta relação profunda, que encontra as suas raízes nos laços multiculturais que a formataram, que vamos assistir a vários episódios, mesmo no sec. XX, em pleno salazarismo, em Portugal, episódios que transcendem a circunstância política. Não posso deixar de referir aqui a correspondência do nosso representante diplomático na China, Ferreira da Fonseca, designadamente a sua troca de correspondência com Zhu en Lai, de outubro de 1949. Ele foi um defensor, junto de Salazar, do estabelecimento de relações diplomáticas entre Lisboa e Pequim, ou o episódio do próprio ministro Franco Nogueira, que defendia o diálogo e o estabelecimento de Relações diplomáticas com Pequim, para o que iniciou todo um processo de diálogo, em 1964, que infelizmente encontraram as reticências e finalmente a oposição de Salazar.

Por outras palavras, as relações de Portugal com a China ultrapassaram as circunstâncias políticas do Estado Novo e pode dizer-se que fazem parte intrínseca da sua história dos últimos cinco séculos.

Ao referir esta arquitetura do nosso relacionamento bilateral – onde seria possível apontar muitos outros episódios – não podemos deixar de aludir ao exemplo máximo, que foram as negociações amistosas – que podem ser hoje dadas como exemplo de uma “win-win Negotiation” – que levaram à transferência de Macau à mãe pátria, à República Popular da China, em 1999.

Graças ao paradigma definido por Deng Xiao Ping, “Um País, Dois Sistemas”, Macau hoje, em vez de constituir um irritante nas relações Portugal – China, é um motor do desenvolvimento das relações de cooperação e amizade entre os nossos dois países, tanto ao nível cultural, como económico ou político. Estes elementos estão se atualmente a desenvolver no quadro regional, como no quadro internacional, através do *Forum de Macau*, na network dos países de língua oficial portuguesa.

Nesta rota de diálogo amigável, devemos referir o Acordo assinado em dezembro de 2005, que vem definir em múltiplas áreas uma Parceria Estratégica Global. Este acordo ganha uma particular importância, na medida em que Portugal é membro da União Europeia.

Mas esta rota vai continuar, até que em 2018, durante a visita do Presidente Xi Jinping a Lisboa, foram assinados 17 acordos bilaterais em vastas áreas e designadamente um Memorando de Entendimento relativo ao grande projeto a nível mundial “Uma Faixa uma Rota”.

Mais uma vez, afigura-se-me difícil olhar para este projeto se o não avaliarmos no quadro da chamada multiculturalidade. Ele representa uma experiência iniciada pelo Imperador Wu Di, no sec. II da nossa era, ao se propor transformar adversários da China em parceiros, no quadro de uma das primeiras políticas de globalizações pelo diálogo e não pelo confronto ou pela força.

Este objetivo representa uma das metas de Confúcio: evitar o confronto através do diálogo, elemento intrínseco e milenar sempre presente na cultura chinesa.

Das cinco grandes orientações estratégicas do novo projeto “Uma Faixa uma Rota”, desde a neutralidade politico-ideológica, passando pela interconetividade de infraestruturas, a liberdade de comércio ou de circulação de capitais, destaco a que considero ser a mais importante: atingir uma globalização para a paz entre as nações e os povos. Ele representa, assim, um novo Paradigma para substituir as desigualdades, os interesses individuais, os imperialismos, as tensões e as guerras pelo objetivo de alcançar a paz através da cooperação sem espírito missionário.

Estas considerações que acabo de tecer têm por objetivo afirmar que o conhecimento da história, isto é, do passado, é fundamental para entender o presente e ter a capacidade de criar os alicerces para um futuro a médio e longo prazo, sem cairmos nas

esparrelas da circunstância política, enganadora e frequentemente baseada na ignorância.

Não venham, pois, potências estrangeiras dizer a Portugal a política que deve seguir em relação à China.

Nunca esquecerei, uma reunião em que participei, há já longos anos, na Academia das Ciências Sociais de Shanghai, em que um dos temas em discussão, entre académicos chineses e outros de vários países, face ao início do enorme crescimento que se antevia, era o nome a dar internacionalmente a este fenómeno. Duas expressões foram abertamente analisadas "*Peaceful Rise of China*" ou "*Peaceful Development of China*" e por quase unanimidade foi escolhido o segundo, que se entendeu ser mais consentâneo com a tradição cultural chinesa e afastar qualquer ideia de "*imperialismo*".

Numa época de diabolização da China em certas zonas do palco internacional, permito-me pensar que Portugal, com a sua identidade própria e experiência da vivência de um multiculturalismo, poderá desempenhar um papel que ajude a repor um novo paradigma internacional, com base na interculturalidade, na racionalidade, no diálogo e na paz.

## **English version:**

### **Mr. Cai Run, Ambassador of China, ladies and gentlemen**

Portugal is one of the countries of western Europe, which had over five centuries ago, established relations and a dialogue with China in a formal way. Additionally, it also established networks in the field of commerce, in the social domain, in the cultural area, in the broadest sense of this concept. These networks that settled in a region called Macau, had a few centuries later, a political importance in the capital of the Empire. It was during these years, when the Chinese Emperor was in complex circumstances with western Europe where the Vatican maintained a strong influence, that the Portuguese Jesuits, who knew Chinese culture, defended many of Beijing's cultural positions contrary to the West. This position was also politically adopted by the Portuguese crown itself.

In this context, it is interesting to review what Emperor Kang Xi said about some of his foreign collaborators, namely his Portuguese advisers. One cannot fail to mention in particular, Tomas Pereira, his political advisor, elevated to an important degree of mandarinship, or to have chosen a Portuguese, Antonio de Magalhães, as his Ambassador and Personal Envoy to the court of D. João V, in 1721.

This relationship is the result of what we now call a cross-cultural dialogue that, in addition to the official forms and channels, created an informal network, which is what some historians call today a Shadow Empire, which creates a favorable ground to build bonds of friendship that transcend the historical or political circumstances at any given time.

Indeed, it is in this deep relationship, which finds its roots in the cross-cultural ties that shaped it, that we will witness several events, even during the 20<sup>th</sup> century, in full salazarism, in Portugal, that go beyond the political circumstance. I cannot fail to mention here two events:

First, the correspondence of our diplomatic representative in China, Ferreira da Fonseca, namely his correspondence with Zhu en Lai, from October 1949. He was an advocate for the establishment of diplomatic relations between Lisbon and Beijing.

Second, Foreign Minister Franco Nogueira himself, who advocated dialogue and the establishment of diplomatic relations with Beijing, actually started a whole process of dialogue in 1964, which unfortunately encountered Salazar's opposition.

In other words, Portugal's relations with China went beyond the political circumstances of the Estado Novo and can be said to be an intrinsic part of its history of the past five centuries.

When referring to this architecture of our bilateral relationship - where it would be possible to point out many other events - we cannot forget to mention the ultimate example, which were the friendly negotiations that led to the transfer of Macau to its mother country, the People's Republic of China, in 1999 - which can today be referred to as an example of a "win-win Negotiation" -.

Thanks to the paradigm defined by Deng Xiao Ping, "One Country, Two Systems", Macau today, instead of creating tensions in the Portugal - China relations, is an engine for the development of cooperation and friendship relations between our two countries, both culturally, economically and politically. These elements are currently being developed in the regional framework, as well as in the international framework, through the Forum of Macau, in the network of Portuguese-speaking countries.

In this friendly dialogue journey, we must mention the Agreement signed in December 2005, which defines a Global Strategic Partnership in multiple areas. This agreement gains particular importance, as Portugal is a member of the European Union.

And this journey continues until 2018, during President Xi Jinping's visit to Lisbon, where 17 bilateral agreements were signed in vast areas and in particular a Memorandum of Understanding on the large worldwide project "One Belt One Road".

Once again, it seems difficult to look at this project if we do not evaluate it in the cross-cultural framework. It represents an experiment initiated by Emperor Wu Di, in the 2<sup>nd</sup> Century of our era, by proposing to transform China's opponents into partners, within the framework of one of the first globalization policies through dialogue and not through confrontation or force.

This objective represents one of Confucius' goals: to avoid confrontation through dialogue, an intrinsic and ancient element always present in Chinese culture.

Of the five major strategic orientations of the new project "One Belt One Road", from the political-ideological neutrality, through to the interconnectivity of infrastructures, the freedom of trade or investment, I would like to highlight the one that I consider to be the most important: achieving globalization for peace between nations and peoples. It represents a new paradigm to replace inequalities, individual interests, imperialisms, tensions and wars with the objective of achieving peace through cooperation without a missionary spirit.

These considerations that I have just made aim, to affirm that the knowledge of history, that is, of the past, is fundamental not only in understanding the present but also to have the capacity to create the foundations for a medium and long- term future, without falling into the traps of the political circumstances, misleading and often based on ignorance.

Therefore, foreign powers should not dictate to Portugal the policy to follow in relation to China.

I will never forget a meeting in which I participated, several years ago, at the Shanghai Academy of Social Sciences between Chinese academics and others from several countries, in which one of the topics under discussion was the name to be given internationally to the beginning of the enormous growth anticipated. Two expressions were openly analyzed "Peaceful Rise of China" or "Peaceful Development of China". The second one was chosen almost unanimously, as it was understood to be more in line with Chinese cultural tradition and to rule out any idea of "imperialism".

In a time of diazotization of China in certain areas of the international stage, I allow myself to think that Portugal, with its own identity and experience of a cross-cultural understanding, can play a role in restoring a new international paradigm, based on interculturality, in rationality, in dialogue and in peace.